



POSICIONAMENTO TEÓRICO DE UMA PROFESSORA DE FILOSOFIA DE ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO: ESTUDO DO CASO

THEORETICAL POSITIONING OF A PROFESSOR OF PHILOSOPHY OF EDUCATION THROUGH THE MIDDLE NOTE: CASE STUDY

**PARCIANELLO, Angeluze Comoretto¹
ANDRADE, Carmen Maria de²**

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa Descritiva do tipo Estudo de Caso Qualitativo. A atividade realizou-se numa Escola Pública Estadual no perímetro urbano da cidade de Santa Maria – RS – Brasil. O estudo se deu no segundo semestre de 2004, tendo como campo de estudo o fazer de uma professora de Filosofia numa turma de 2º série do Ensino Médio. A área temática da pesquisa foi a discussão do assunto. A Filosofia como reflexão sobre ideias fundamentais. Daí delineou-se como objetivo geral a intenção de verificar o posicionamento teórico da Professora ao desenvolver a temática. A coleta de informações se deu com uma ficha de observação etnográfica da aula desenvolvida pela professora, sendo a análise e discussão das informações norteadas pela Análise de conteúdo.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino Médio; Análise de conteúdo.

ABSTRACT

This work is the result of a descriptive type Qualitative Case Study. The activity was held in a state school in the urban area of Santa Maria - RS - Brazil. The study took place in the second half of 2004, as a field of study to make a professor of philosophy in a class of 2nd grade of High School. The thematic area of research was to discuss the matter. Philosophy as a reflection on fundamental ideas. Hence outlined as general objective the intention to verify the theoretical position of Professor in developing the theme. Data collection was with an ethnographic observation form developed by the class teacher, and the analysis and discussion of information guided by content analysis.

Keywords: Philosophy; Secondary Education; content analysis.

¹ Aluna Autora. do Curso de Especialização em Metodologia da Práxis Pedagógica no Ensino Médio e Superior / FAMES – Santa Maria / RS – BR-2004. Email: angelucec@yahoo.com.br.

² Professora Orientadora.



Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa Descritiva do tipo Estudo de Caso Qualitativo. A atividade realizou-se numa Escola Pública Estadual do perímetro central da cidade de Santa Maria – RS / Brasil. O estudo se deu no segundo semestre de 2004, tendo como campo de estudo o fazer de uma professora de Filosofia numa turma de 2º série do Ensino Médio. A área temática da pesquisa foi a discussão do assunto A Filosofia como reflexão sobre ideias fundamentais. Daí delineou-se como objetivo geral a intenção de verificar o posicionamento teórico da professora ao desenvolver a temática. A coleta de informações se deu com uma ficha de observação etnográfica da aula desenvolvida pela professora, sendo a análise e discussão das informações norteadas pela Análise de Conteúdo.

A partir desta argumentação pode se dizer que a professora observada segue uma postura crítica e humanista que no dizer refere-se ao professor Líbano: que as propostas metodológicas e planos de aula são situações alternativas de aprendizagem que colocam o aluno em ação, tendo como ponto básico a construção do conhecimento dentro de um contexto social e as estratégias surgem da interação professor / aluno. A professora junto a escola empenhou-se para recuperar a autoestima e a força de vontade dos alunos, de desenvolver o lado humano, aprendendo a enxergar o aluno não como matéria, recebedores de conteúdos prontos, mas como seres que tem muito mais para receber, aprender, e compartilhar, trabalhar com o lado emocional dos alunos, é perceber a desumanização e “humanizar desumanizados”. A sala de aula faz descobrir que os alunos não são somente alunos que recebem informações e as aceita sem questioná-las, eles fazem parte do mundo atual que está em plena transformação.

A vida moderna exige novas qualidades e características dos indivíduos. Construir um bom futuro depende de uma formação mais completa e alternativa são inúmeras. Cada indivíduo deve buscar, desde pequeno, tudo o que está no se alcance para preparar e conseguir se equilibrar nesse mundo tão dinâmico.

O artigo está estruturado em 6 momentos:

No primeiro é apresentada a Filosofia no ensino médio com seu objetivo geral, e conteúdos previstos pela escola. No segundo aparece a descrição das atividades. No terceiro momento aparece a análise e discussão do caso observado, para então ser construído o capítulo de sugestões e a conclusão final.

Muito tem se dito sobre Filosofia na Escola, seguindo a linha de pensamento de Almeida encontrou-se como objetivos para esta prática no Ensino as seguintes questões:

Filosofia na escola

- Simplificar a planificação das aulas e o processo de avaliação.
- Possibilitar um Ensino Crítico e não meramente expositivo.
- Uma apresentação Criativa e Crítica dos problemas, das teorias e dos argumentos da Filosofia.
- Colocar os Estudantes em contato com as ideias dos grandes Filósofos Clássicos e modernos.
- Ajudar os Estudantes a ler alguns textos clássicos da Filosofia.

Muitos testes objetivos servem para outros componentes curriculares, uma vez que a aprendizagem é interdisciplinar. O que vai garantir a construção do conhecimento por parte do aluno são as estratégias de ensino selecionadas.

O professor pode ser prolixo ou sintético, no caso da Filosofia sugere-se que seja sintético para não distrair o Estudante



com um discurso prolixo, porque tudo aquilo que os estudantes precisam é de ter uma idéia simplificada das grandes ideias filosóficas.

O estudo de qualquer Disciplina faz-se por aprofundamentos sucessivos. O estudante que se interessar, por exemplo, por Estética verificará que há muito mais a dizer sobre os problemas, as teorias, e os argumentos apresentados; mas terá então os instrumentos e as noções elementares que lhe permitirão aprofundar o seu estudo.

Levamos a sério à ideia de que a Filosofia é uma Atividade Crítica. O objetivo não é fazer o estudante decorar ideias e palavras, mas sim formar uma posição pessoal e crítica perante os problemas, as teorias e os argumentos da Filosofia. Claro que para o poderem fazer terão de saber formular com rigor os problemas, as teorias e os argumentos estudados; terão que formular suas ideias. Procurou-se i por isso dar aos estudantes os instrumentos que lhes permitirão assumir essa atitude Crítica. E em todas as tarefas é bom interpelar o estudante, convidando-o a tomar uma posição. Compete ao professor avaliar não a posição do estudante, mas o modo como o fundamento (ALMEIDA *et al.*, 2003).

3. A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A discussão de filosofia passou a fazer parte do Currículo de Ensino Médio brasileiro a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, n° 93.941.96 e no Estado do Rio Grande do Sul está regulamentada. Nesta escola faz parte da grade curricular como disciplina obrigatória.

Na escola estudada a disciplina é considerada como aquela que proporciona os espaços e os encaminhamentos necessários para desenvolver nos alunos as competências relacionadas ao saberes e a vivência cidadã. Contribuindo para a formação de homens dignos, livres, sábios, e capazes de engajarem-se ativamente na

transformação, com vistas a uma convivência justa e fraterna.

Neste estabelecimento de ensino a Filosofia é oferecida tanto na 1º, quanto na 2º e terceira série do Ensino Médio, nos três turnos de funcionamento. Mesmo sendo uma disciplina que só reprova por frequência e não por nota, as turmas têm todos os alunos matriculados em Filosofia, o que não é garantia de participação nem de interesse pelo conteúdo, exigindo esforço redobrado dos professores.

Os conteúdos previstos para cada série vêm acompanhados por níveis de exigências que seguem:

QUADRO 1 – Demonstrativo dos conteúdos e níveis de exigência previstos para o Ensino de Filosofia

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	NÍVEIS DE EXIGÊNCIA
1-A FILOSOFIA NO CONTEXTO DOS SABERES	
1.1 A Filosofia como reflexão sobre conceitos fundamentais	1.1 a 1.5 Estimular a reflexão e investigação
1.2 Características básicas do conhecimento	Clarificar conceitos
1.3 Verdade e Justificação	Interpretar significados
1.4 Usos da linguagem e argumentação	Elaborar argumentos
1.5 O pensamento humano: conceitos, hipóteses e teorias	Determinar a validade das inferências Avaliar a coerência e a força explanatória das teorias
2. ÉTICA	
2.1 Ser e Dever – Ser o problema das normas	2.1 a 2.5 Compreender e analisar os conceitos da ética
2.2 Felicidade	
2.3 Liberdade e Determinação	Compreender a relação entre
2.4 O bem, o mal e o justo	legalidade,



2.5 Modelos de reflexão ética	legitimidade e justiça Compreender as características e as preposições envolvidas na ética Desenvolver uma atitude avaliatória. Elaborar juízos mediante critérios justificados Considerar as conseqüências ou implicações éticas das ações humanas.
3. POLITICA E CIDADANIA	
3.1 As relações humanas e o poder	3.1 a 3.5 Conhecer os conceitos envolvidos na política Compreender e refletir a convivência social Saber distinguir racionalmente as sociedades das suas instituições. Desenvolver a capacidade de identificar as situações políticas implicadas na vida cotidiana.
3.2 Ética e política	
3.3 Individuo, Sociedade e Estado	
3.4 Representação e Democracia	
3.5 Participação Política e Cidadania	

A bibliografia que o professores seleciona e propõe para os alunos é a que segue:

QUADRO 2 – Demonstrativo da Bibliografia indicada para o aluno

LAW, Stephen. **Os arquivos filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
LEBRUM, Gerard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
NOVAES, Carlos Eduardo e LOBO, Cezar. **Cidadania para principiantes**. São Paulo: Ática, 2003.
VALLS, Álvaro. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Considerando que esta escola integra o PEIS – Programa de Ingresso ao Ensino superior (Programa oferecido pela COPERVES – Comissão Permanente do Vestibular) da Universidade Federal de Santa Maria, RS – BR existe os conteúdos previstos para cada série vêm acompanhados por níveis de exigências que aparecem representados nos quadros que se seguem:

Para o desenvolvimento das aulas de Filosofia a escola propõe a seguinte bibliografia para o professor é:

QUADRO 3 – Demonstrativo da Bibliografia proposta ao Professor de Filo

ALMEIDA, Aires *et al.* **A arte de pensar**. Lisboa: Didática Editora, 2003.
APEL, Karl Otto. **Estudos de moral moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 2003.
ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
_____. **Política**. Brasília: UNB, 1988
ARONDEL-ROHAUT, Madeleine. **Exercícios Filosóficos**. São Paulo: Martin Fontes, 2000.
BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo**. Brasília: UNB, 1995.
NISBET, R. **Os filósofos sociais**. UNB, 1952
NOVAES, Carlos Eduardo & LOBO, Cezar. **Cidadania para principiantes**. São Paulo: Ática, 2003.
OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (Org.). **Correntes fundamentais da Ética Contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.



_____. **Filosofando política contemporânea.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PLATÃO. **A república.** Lisboa: Fundação Calousta Gulbenkian, 2001.

_____. **O político.** São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

PRADO JR, Caio. **O que é verdade.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUIRINO, Célia Galvão; SOUZA, Maria Tereza Sadek de (Orgs). **O pensamento político clássico: Maquiaveu e Rousseau.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores)

STRAWSON, Peter. **Análise e metafísica: uma introdução à filosofia.** São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

TUGHENDHAT, Emst; WOLF, Ursula. **Propedêutica lógica semântica.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

VALLS, Álvaro. **O que é ética.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

WARNOCK, Mary. **Os usos da filosofia.** Campinas: Papyrus, 1994.

WEFFORT, Francisco (org.). **Os clássicos da política.** São Paulo: Ática, 1998. 2 v.

WILSON, John. **Pensar com conceitos.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WOLFF, Francis. **Aristóteles e a política.** São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

Aula Observada

Considerando que este é um Estudo de Caso e que ele caracteriza-se por focar uma situação com contornos bem definidos, passar-se-á agora a descrever a professora, a turma e o conteúdo, os alunos e atividade desenvolvida na Pesquisa.

A Professora

A regente de classe é do sexo feminino, com 31 anos, solteira, licenciada em Filosofia, com Pós-graduação em Metodologia Pedagógica da Práxis no Ensino Médio e Superior e Psicopedagoga Clínica e Institucional e atua no N° 1° e 2° do Ensino Médio.

Turma e Conteúdo

Dentro da disciplina de Filosofia a turma selecionada, para estudo foi a da 2° série do Ensino Médio do noturno no 2° semestre do ano letivo de 2004. O assunto desenvolvido pela professora durante esta pesquisa foi o seguinte: A Filosofia como reflexão sobre idéias fundamentais.

Os Alunos

A turma é constituída por 23 alunos; sendo 15 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, entre 16 e 18 anos. Na turma existem apenas três alunos repetentes. Na sua maioria são trabalhadores que residem na periferia da cidade.

Atividade Desenvolvida

Para a concretização desta atividade foi realizado um contato inicial com a Escola e com a professora para apresentar o projeto de trabalho e planejar as atividades. A partir disto foram feitas visitas, reuniões de estudo e então se partiu para a observação das aulas.

Na primeira aula observada registrou-se que a professora inicialmente apresentou os itens do conteúdo previsto, seguindo adiante com os textos a serem trabalhados em aula.

No que se refere a conteúdo, a proposta inicial foi aos alunos uma ideia geral da respectiva disciplina, seu surgimento, seu conceito geral, utilidade, e os fundamentos que sustentam ideias e teorias no decorrer da História da Filosofia, ou seja, apresentar os seus primórdios para depois seguir adiante com o tempo específico.

O Plano de Aula. Construído pela professora para estes nossos encontros é o que segue abaixo.

Plano de Aula

Data / Período: 3 aulas

Assunto: A Filosofia como reflexão sobre ideias fundamentais.

Objetivo: No final da aula o aluno deverá ser capaz de:



- Fazer uma ideia do que é Filosofia e a que ela se volta.
- Ter noções de conceitos como relatividade, interpretação, atitude, crítica e argumentação.
- Será satisfatório se o aluno for capaz de conceituar e criar um argumento.

Procedimentos Metodológicos

Técnicas:

- Expositiva participativa;
- Estudo através de texto;
- Trabalho em grupo reunido por aproximação;
- Apresentação de trabalhos feitos em grupo.

Discussão em grande grupo.

Recursos:

- Quadro de giz e giz;
- Textos impressos;
- Livros de filosofia.

1º Momento: Oferecer um texto para que os alunos leiam em voz alta cada parágrafo;

2º Momento: Fazer um esboço do conteúdo do texto no quadro;

3º Momento: Divisão de grupo para resolução das questões oferecidas junto ao texto;

4º Momento: Correção dos exercícios de fixação, propiciando a participação de todos.

5º Momento: Sugerir que escrevam um argumento. E lendo um por um vamos analisar o argumento.

Avaliação

- Participação em sala de aula.
- Atividade escrita

Conteúdo

Filosofia:

Para o desenvolvimento inicial do conteúdo a professora fez o seguinte esquema no quadro de giz durante a apresentação do tema:

Relatividade: Umás ideias serão relativas na medida em que for superada por outra, que justifique (por A + B) sua argumentação.

Interpretação: Argumentação (atualizar a leitura de um texto antigo).

Atitude Crítica: No senso comum estamos condicionados a preconceitos; Argumentar e dar razões (avaliar respostas); Analisar uma ideia sem fazer juízo, primar pela imparcialidade; Avaliar resposta de forma sistemática e lógica.

Atitude crítica: não olhar para uma ideia de forma dogmática; ter postura imparcial. Durante o desenvolvimento das três aulas a professora distribuiu aos alunos textos que explicavam, fundamentavam, e ilustravam os assuntos.

Também a filosofia tem um objetivo e um método de estudo. A filosofia tem como objeto os conceitos mais básicos que usamos nas ciências, nas artes, nas religiões e no dia a dia. A filosofia estuda conceitos como os seguintes: o bem moral, a arte, o conhecimento, a verdade, a realidade, etc. O seu método é a troca de argumentos, a discussão de ideias.

A filosofia em ação: um exemplo

Imagina que, no meio de uma conversa qualquer, eu digo: “No fundo, é tudo relativo”. Talvez já tenhas ouvido esta ideia muitas vezes. Talvez até tu próprio penses que é tudo relativo. A ideia de que é tudo relativo surge-nos naturalmente em certas circunstâncias, quando começamos a pensar em certos problemas. E é assim que surge a filosofia.

A filosofia (como as ciências, as artes, e as religiões) surge da nossa capacidade natural de pensar. Não é algo que só surge quando vamos a escola ou quando lemos livros de filósofos muito antigos. Algumas pessoas começam a fazer perguntas de caráter filosófico por volta dos 13 ou 14 anos. Eis alguns exemplos: Será que é tudo relativo?; Será que a vida tem sentido? E se tem, qual é?; Como se justifica a existência do estado, das leis e da



política?; Será que não faz diferença fazer sofrer os animais?; O que sou eu na verdade? Será que sou apenas um corpo? Ou tenho uma alma?; Será que Deus existe realmente ou será que os ateus têm razão e os crentes estão enganados?; E se o mundo inteiro fosse uma ilusão e nada fosse real? Como é que eu posso ter certeza de que tudo não é uma ilusão?; Quando digo que uma ação é boa estou apenas dizendo que a sociedade em que vivo aprova essa ação ou essa ação continuaria a ser boa mesmo que a minha sociedade.

Alem disso, os problemas filosóficos surgem também na nossa reflexão sobre as ciências, as religiões e as artes. Eis alguns exemplos: O que é realmente a arte? E a música?; O que são realmente os números? Será que os teoremas matemáticos são invenções dos seres humanos ou descobertas?; Como podemos conciliar a existência de um Deus bom e sumamente poderoso e sábio com tanto sofrimento no mundo?; O que é realmente uma lei física? E como podemos ter certeza de que essas leis são verdadeiras?

Apesar de a filosofia ser uma reflexão que surge naturalmente nem toda a reflexão que surge naturalmente é filosófica. Muitas vezes temo respostas pessoais para perguntas filosóficas como: “Qual é o sentido da vida?” ou “Será que tudo é relativo?”. Essas respostas pessoais, contudo ainda não são filosóficas. Podem ser o ponto de partida da reflexão filosófica; mas não são o ponto de chegada. Isso quer dizer que podes e debes partir das tuas convicções pessoais. E essas justificações têm de resistir à crítica. Vamos ver o que isso quer dizer.

A filosofia é uma atividade crítica

A primeira coisa a fazer perante uma afirmação filosófica como “Tudo é relativo” é tentar saber exatamente o que estamos a dizer. Tudo se refere a quê? E o que quer dizer “relativo”? No estudo da filosofia, este trabalho de interpretação é crucial. Temos de saber com precisão o que

realmente esta a ser afirmado para podermos discutir essa afirmação. É por isso que no capítulo 2 iremos distinguir frases de proposições, e iremos ver o que é ambiguidade e outras armadilhas que não nos permitem interpretar corretamente as ideias dos filósofos.

Se me pergatares o que quer dizer “tudo” e “relativo” no contexto da minha afirmação posso responder assim:

“Tudo” refere-se a todas as verdades. O que eu defendo é que todas as verdades são relativas. E “relativo” quer dizer que quer dizer que as verdades mudam ou variam; não são coisas fixas.

Agora já compreendemos melhor o que quer dizer “tudo é relativo”. Mas será então que nesse sentido, é verdade que “Tudo é relativo”? Que razões têm para aceitar esta ideia? Porque razão não será melhor aceitar a negação desta ideia? É porque por vezes queremos negar ideias que no capítulo 2 irás aprender a não errar ao negar certos tipos afirmações.

Já estás a ver que não basta interpretar e compreender o que eu queria dizer com a afirmação “Tudo é relativo”. É preciso ter uma atitude crítica em relação ao que foi dito. Será que tenho razão? Por quê? Ou será que estou enganado?E por quê?

Quando fazemos estas perguntas, estamos a exigir argumentos. Será que os argumentos em que me baseio ao pensar em tudo o que é relativo são suficientemente fortes para apoiar esta ideia? Ou são apenas confusos e desinteressantes? A argumentação é o coração da filosofia e é por isso que a filosofia é uma atitude crítica. É por isso também que no capítulo 2 vamos aprender a distinguir os bons dos maus argumentos.

Precisamos de argumentos para mostrar que os problemas que estamos a estudar não são meras ilusões ou confusões. Por exemplo, será que o problema do sentido da vida faz sentido? Por quê? Precisamos de argumentos para avaliar as respostas que os filósofos e nós próprios damos ao problema da filosofia. Por



exemplo, será que a resposta que Platão dá ao problema da imortalidade da alma é boa? E precisamos saber avaliar argumentos porque argumentos porque os filósofos passam grande parte do seu tempo a apresentar argumentos a favor das suas ideias e contra as ideias que ele acha que estão erradas. Por exemplo, será que o argumento de Santo Anselmo a respeito da existência de Deus é bom?

Porque filosofia é uma atividade crítica, avalia cuidadosamente os nossos preconceitos mais básicos. Isto faz da filosofia uma atividade um pouco melindrosa. Em geral, temos tendência para nos agarrarmos aos nossos preconceitos, porque eles condicionam a maneira como vemos o mundo e como vivemos a vida. A filosofia, pelo contrário, exige abertura de espírito e disponibilidade para pensar livremente.

O fato de a filosofia ser uma atividade crítica coloca-te numa posição muito diferente, como estudante, daquela que te é exigida nas outras disciplinas. Em filosofia, tens a liberdade de defender as tuas ideias. Tanto podes defender que Deus existe como que não existe; tanto podes defender que o aborto deve ser permitido como que não o deve ser. Até podes defender que a filosofia é uma ilusão e um absurdo.

Nesta disciplina, não te pedimos que te limitasses a repetir o que diz o teu professor. O que pedimos é que aprendas a pensar. E pensar implica apresentar argumentos. Tens a liberdade de defenderes o que quiseres, mas tens de adotar uma atitude crítica. Isto é o seguinte: Tens de sustentar o que defendes com bons argumentos; Tens de aceitar discutir os teus argumentos.

O objetivo é que sejas tu a pensar filosoficamente; mas para poderes pensar filosoficamente terá de saber usar um conjunto de instrumentos que te permitirão pensar de forma mais organizada e sistemática. E terás de compreender corretamente as ideias que iremos estudar – mesmo que aches que estão erradas. Se

conseguires dizer de forma clara, articulada e fundamental em bons argumentos porque razão está errada, já estarás a fazer filosofia.

Ser crítico não é “dizer mal”. Ser crítico é olhar com imparcialidade para todas as ideias – quer sejam nossas, dos nossos colegas ou de filósofos famosos. E olhamos para elas com imparcialidade para podermos avaliar se são verdadeiras ou não. Ser crítico não é ser extravagante. Uma pessoa pode perfeitamente ser crítica e seguir as convicções da maioria. Ser crítico não é dizer “Não” só para marcar diferença. Ser crítico é dizer “Sim”, “Não”, ou “Talvez”, mas com bases em bons argumentos.

Voltemos agora a ideia de que tudo é relativo. Que argumentos têm a meu favor? Se me fizeres esta pergunta, posso responder assim.

Ao longo dos séculos verificamos que o que pensamos ser vontade vai mudando. Primeiro pensávamos que a terra estava no centro do universo; depois que não estava.

Primeiro pensávamos que o cristianismo era a única religião verdadeira e que o Deus cristão tinha de ser imposto pela força. Depois, verificamos que há várias religiões e que todas têm direito de existir. Em suma, os que hoje pensamos que é verdade amanhã pensaram que é falso, e é por isso que eu digo que tudo é relativo.

Esta resposta é uma tentativa de justificação da ideia de que tudo é relativo. Mas será uma boa justificação? O teu trabalho em filosofia é discutir os meus argumentos. Poderíamos começar por fazer notar que esta justificação parece misturar duas coisas diferentes: Os progressos científicos e a tolerância religiosa. E por isso talvez fosse vantajoso ver cada uma dessas coisas em separado.

Poderíamos começar pela primeira, perguntando se é mesmo verdade que o progresso científico mostra que verdades são todas relativas. Pelo contrário, poderias dizer que, se tudo fosse relativo, não haveria realmente progresso científico; haveria apenas uma mudança de teorias



científicas. As teorias antigas seriam tão boas como as modernas. Mas se isso fosse verdade, que razões teríamos nós para mudar as teorias?

Eu poderia responder que somos forçados a mudar de teorias por vários motivos. Por exemplo, quando certo grupo de cientista se quer destacar, pode apresentar uma nova teoria revolucionária e fazer tudo para ver a sua teoria ser aceita. Mas isto nada nos diz sobre o valor intrínseco da nova teoria. A nova teoria é tão boa como a velha; são apenas diferentes.

Já vêes que a filosofia é uma atividade dialogante: consiste em trocar e discutir ideias. A diferença entre uma discussão filosófica e uma gritaria, por exemplo, é esta: em filosofia discutimos para chegar à verdade das coisas, independentemente de saber quem “ganha” a discussão; numa gritaria discute-se para ganhar a discussão, independentemente de saber de que lado esta a verdade.

A filosofia como atividade crítica: que é um preconceito? De alguns exemplos, explicando porque razão são preconceitos. Para que fins precisaram de argumentos na filosofia? Que precisas de aceitar para poderes ter uma atitude crítica? Qual é a diferença entre justificar as nossas respostas pessoais e ter uma atitude crítica?

Descrição da atividade – comentário

A professora ao iniciar a aula, cumprimentava seus alunos, colocava a data no quadro de giz, fazia a chamada, e pediu a todos que fizessem um círculo na sala de aula para iniciar com uma dinâmica de grupo antes de iniciar a aula propriamente dita.

A dinâmica de grupo é uma temática para facilitar o aprendizado, além de abrir ou encerrar qualquer tipo de aula ou evento. O pensamento de Leminski introduz a dinâmica “olho no olho”, remetendo a uma análise introspectiva de si mesmo e do outro (MIRANDA, 1996, p. 33).

A partir desta organização do espaço da sala de aula a professora distribuiu o material que foi usado, para cada aluno. Isto evidenciou o planejamento o cuidado da professora para que cada aluno tivesse o conteúdo como roteiro para a aula desenvolvida.

A importância de Planejar antes de agir, distribuir os conteúdos pelo tempo disponível, é enfatizada pelo professor Líbano quando afirma que:

A ação docente vai ganhando eficácia, à medida que o professor vai acumulando e enriquecendo experiências, ao lidar com as situações concretas de ensino. Isso significa que, para planejar, o professor se serve, de um lado, dos conhecimentos dos processos didáticos e das metodologias específicas das matérias e de outro, da sua própria experiência prática (1991, p. 225).

Este material referido anteriormente era constituída de uma folha onde estava o texto: “*O que é Filosofia*” que aparece anexado ao plano de aula anteriormente apresentado.

A partir daí iniciava-se a aula com um esquema no quadro de “O que é Filosofia, para introdução da Disciplina que ia ser estudada, tendo como objetivo despertar a atenção do aluno, estimular a reflexão e a investigação, clarificar os conceitos, interpretar os significados, elaborar os argumentos e determinar a validade das inferências”.

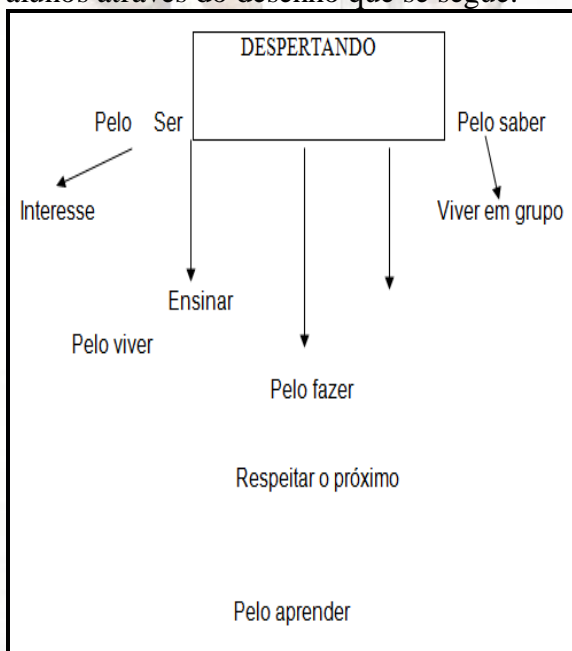
Nesta direção concorda-se com o que escreve o professor Arroyo quando diz:

Educar é revelar saberes, significados, mas antes de qualquer coisa, revelar-nos como docentes educadores na nossa condição de humanos. É o nosso ofício, a nossa humana docência (ARROYO, 2000, p. 67).



Entendendo-se o Ensino Médio como uma sala de aula com a maioria de Jovens e Adolescentes, com problemas, verificou-se que a Professora procura no decorrer das aulas, propor atividades que envolvessem métodos e técnicas coerentes com a realidade e interesse dos alunos, para despertar-lhes o interesse pela Disciplina de Filosofia.

O professor Arroyo (2000, p. 67) em seus escritos enfatiza este despertar dos alunos através do desenho que se segue:



Nesta direção o Professor Almeida nos leva a pensar que:

Ao longo do ano vai aprender Filosofia, e o nosso objetivo é permitir-te uma aprendizagem segura e tão estimulante quanto possível. A nossa esperança, é que consiga ter boas classificações a Filosofia. A Filosofia é muito mais uma atividade do que um corpo de conhecimentos. Se as coisas correrem bem no final do ano saberás pensar (2003, p. 8).

E para envolver os alunos na sua realidade dentro da sala de aula além de uma função educativa, o professor deve ter a finalidade formativa, em função do processo teórico e prática dos alunos deve ser proporcionado um modo significativo

de Assimilação Crítica da Filosofia, tendo o compromisso de aumentar cada vez mais a capacidade crítica e criadora do aluno, tendo como referência o texto utilizado em sala de aula.

A atividade foi observada em três aulas de 45 minutos, sendo que a conclusão foi uma atividade crítica para os alunos responder por escrito.

Atingindo objetivos

Este Estudo de caso teve como objetivo geral verificar o posicionamento teórico da professora de Filosofia do Ensino Médio de uma Escola Pública do Centro da cidade de Santa Maria – RS / BR, no segundo semestre letivo do ano de 2004.

Após análise do material usado pela professora depois de participar de reuniões de planejamento e observar as aulas desenvolvidas ficaram evidentes os indicadores que norteavam a ação docente, bem como sua posição teórica.

No que se refere ao planejamento didático constatou-se a preocupação da professora em desenvolver as aulas dentro da bibliografia proposta, usando técnicas para aproximar o aluno, recursos para que o aluno sentisse envolvido na sala de aula, procurou-se dividir o tempo e tentar mantê-lo para que todas as atividades planejadas fossem cumpridas, dentro das três aulas que estavam disponíveis para este trabalho.

A bibliografia foi selecionada com toda atenção para despertar no aluno a curiosidade, por exemplo: De o que é um argumento, e como se analisa um argumento, conforme texto usado em sala de aula.

No que se refere à relação professora x aluno. O papel do professor é fundamental no avanço construtivo do aluno, aqui no caso dos adolescentes. É o professor que pode captar as necessidades dos alunos, quando estão empenhados buscando o conhecimento.

O método, a metodologia utilizada pela professora para envolver o aluno, para que ele sentisse desafiado e se habituassem a



ir pensando por ele (aluno) mesmo. Nesse sentido, considerando a importância dos métodos de ensino, na construção do conhecimento, estes passam a ser um dos elementos importantes na organização de caminhos alternativos a serem percorridos pelo professor para envolver o aluno.

Estes caminhos alternativos são procedimentos de ensino, os quais fazem parte de um método. Assim na utilização de um método usamos vários procedimentos pois, o método é o caminho para se chegar a um determinado objetivo.

Vemos que, no entanto, o objetivo aqui através da observação da professora, ao desenvolver a temática, constatou que a professora observada segue a postura crítica e humanista no que se refere ao professor Líbano.

Entretanto a proposta do professor estava alicerçada numa pedagogia Crítica, as suas ações serão ativas, dinâmicas, concretas, e contextualizadas, possibilitando a transformação, sendo uma metodologia construída pelo professor e pelo aluno no decorrer do processo.

O professor deve estar sempre se atualizando, buscando adquirir novos conhecimentos, porque os com alunos, ele é desafiado frequentemente, e questionado sobre os mais variados assuntos, e um professor bem preparado, crítico tem a maior probabilidade de conseguir ótimos resultados com seus alunos.

Procurei, em todos os momentos; dedicar-me ao máximo na busca dos objetivos propostos. Apesar de todo o esforço foi extremamente compensador.

Também deve ser considerado o que foi observado na relação da professora com os demais professores, Direção e Funcionários.

Desde os primeiros contatos com a Escola; com a Direção, sempre manifestei consideração e respeito com os demais professores e com a direção, pois são professores que estão empenhados em fazer o melhor para manter seus alunos dentro da sala de aula; quanto aos funcionários, é

peçoas que procuram dar sua parcela de contribuição, e que procurei sempre uma convivência sincera, o meu obrigado.

Na sinceridade, no trato do conteúdo e nas ações propostas a construção do conhecimento por parte dos alunos. Quando um professor chega a sua sala de aula, conversa com seus alunos, passa confiança, tanto para o professor no conteúdo, nos eventuais problemas que surgiram dentro da sala de aula, tentando resolver, com eles mesmos (alunos) e tentar resgatar a confiança, a integração; propor trabalhar juntos, isso a professora tentou em todos os momentos evidenciar que para o professor o aluno era importante não só por ser aluno, mas por ser humano e por ter responsabilidade e a oportunidade de estar nesta sala de aula, e estudando Filosofia; a partir do que uma professora mostra para seus alunos que eles são competentes, se obtém os melhores resultados, no conteúdo, na convivência e na Escola.

A Filosofia permite ver que homens querem ter, questiona a sociedade e seus valores, questionam os valores sociais e étnicos e trabalhar com os alunos, nesta disciplina nos possibilitam situar eles dentro dos quatro pilares da educação: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver junto, Aprender a ser.

A partir desta argumentação pode se dizer que a professora observada segue uma postura crítica e humanista que no dizer refere-se ao professor Líbano: que as propostas metodológicas e planos de aula, são situações alternativas de aprendizagem que colocam o aluno em ação, tendo como ponto básico a construção do conhecimento dentro de um contexto social e as estratégias surgem da interação professor/aluno.

Analisando estas colocações; podemos dizer que a prática educativa orienta-se em função do alcance dos objetivos propostos e estes serão alcançados no momento em que o professor / aluno através de instrumentos diversificados (conteúdos, recursos, procedimentos)



colocam-se em ação na busca da consumação dos mesmos. Pois,

Os objetivos educacionais, expressões, portanto, propósitos defendidos explícitos quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade (LIBÂNEO, 1991, p. 120).

Considerações finais

Este artigo foi fruto de uma pesquisa descritiva do tipo estudo de caso qualitativo numa escola pública estadual do perímetro central da cidade de Santa Maria – RS / Brasil.

O estudo foi desenvolvido no 2º semestre de 2004, tendo como campo de estudo o fazer uma professora de filosofia numa turma de 2º série do ensino médio.

A área temática da pesquisa foi a discussão do assunto A Filosofia Como Reflexão Sobre Ideias Fundamentais. Daí delineou-se como objetivo geral a intenção de verificar o posicionamento teórico da professora ao desenvolver a temática.

A coleta de informação se deu com a ficha de observações etnográficas da aula desenvolvida pela professora, sendo análise e discussão das informações norteadas pela análise de conteúdos. A professora junto da escola empenhou-se para recuperar a autoestima e a força de vontade dos alunos, de desenvolver o lado humano, aprendendo a enxergar o aluno não como matéria, receptores de conteúdos prontos, mas como seres que tem muito mais para receber, aprender e compartilhar, trabalhar com o lado emocional dos alunos, é perceber a desumanização e “humanizar seres desumanizados”. A sala de aula faz descobrir que os alunos não são somente alunos que recebem informações e as aceita sem questioná-las, eles fazem parte do mundo atual que está em plena transformação. A vida moderna exige novas qualidades e características dos indivíduos.

Construir um bom futuro depende de uma formação mais completas e as alternativas são inúmeras. Cada indivíduo deve buscar, desde pequeno, tudo o que está no seu alcance para preparar e conseguir se equilibrar nesse mundo tão dinâmico.

Nosso ofício está baseado na dinâmica da aprendizagem, no aprender e ensinar a sermos humanos, daí reencontrou o sentido educativo do nosso ofício de mestres, professores (ARROYO, 1998, p. 55-56).

Referências

- ALMEIDA, Aires *et al.* **Arte de Pensar**. Lisboa: Didáctica Editora, 2003.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre, imagem e outra imagem**. 3. ed. Ed. Vozes, 1998, 2000, 2001.
- AUGIER, Jean-Pierre. *Marca d'água. Si tous les gars du Monde*. 2010.
- BOBBIO, N.; BOVERO, M. **Sociedade e estado na filosofia política moderna**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Filosofia** (Série novo ensino médio). São Paulo: Ática, 2002.
- CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias**. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- COPI, Irving Marmer, **Introdução à lógica**. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- COSTA, Cláudio. **Uma introdução contemporânea à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DELORDS, Jaques *et. Al.* **Educação: Um**



tesouro a descobrir. 4. Ed. Cap. 4, São Paulo: Cortez, 2000. p. 89-102.

FITZGERALD, R. (Org.). **Pensadores políticos comparados**. Brasília: UNB, 1983.

FLEW, Antony. **Pensar direito**. São Paulo: Cultrix, 1979.

GALLO, Sílvio et.al. **Ética e cidadania: caminhos da filosofia**. Campinas: Papyrus, 1997.

HAIGHT, May. **A serpente e a raposa, uma introdução à lógica**. São Paulo: Loyda, 2003.

HABERMAS, Jurgen. **Conciencia Moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1989.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Abril cultural, 1983. (Coleção Os pensadores).

HOLLIS, Martin. **Filosofia - um convite**. São Paulo: Loyola, 1996.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1995.

KREMER-MARIETE, Angéle. **A ética**. Campinas: Papyrus, 1989.

LAW, Stephen. **Os Arquivos Filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEBRUN, Gerard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Ed. Cortez. 1991

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Brasília: UNB, 1989.

MIRANDA, Simão de. **Oficina de dinâmicas de grupos, empresas, escolas e grupos comunitários**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 33.

MURCHO, Desidério. **Renovar o ensino da filosofia**. Lisboa: Grádiva, 2003.

NAGEL, Thomaz. **Uma breve introdução à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes,